

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
As Estranhas Viagens de Fernando Fernán-Gómez
24 e 28 de Fevereiro de 2026

El Mar y el Tiempo / 1989

um filme de FERNANDO FERNÁN-GÓMEZ

Realização, Argumento: Fernando Fernán-Gómez baseado no seu romance homónimo *Fotografía* (35 mm, cor): José Luis Alcaine *Som:* Gilles Ortió *Montagem:* Pablo G. del Amo *Música:* Mariano Díaz *Direcção artística:* Julio Esteban *Guarda-roupa:* Roberto Guillermo Blanco *Caracterização:* Juan Pedro Hernández, Jesús Mancusi *Interpretação:* Rafaela Aparicio (Avó), Pepe Soriano (Jesús), Fernando Fernán-Gómez (Eusebio), Aitana Sánchez-Gijón (Mãe), Cristina Marsillach (Chus), Iñaki Miramón (Anselmo), Ramon Madaula (Mariano), Eulàlia Ramon (Trini), Fernando Guillén Cuervo (Pepe), Gabino Diego (Basilio), Ángel Relló (Jorge Bosso), Rafale Izurquiza, Laura Bayonas, Fernando Illán, Emma Cohen, Manuel Alexandre, María Asquerino (Marcela), etc.

Produção: Ion Films *com a participação da TVE* (Espanha, 1989) *Produtor executivo:* José Luis García Sánchez *Direcção de produção:* Andrés Santana *Cópia:* Filmoteca Española, digital, cor, falada em castelhano e legendada eletronicamente em português *Duração:* 98 minutos *Estreia:* 22 de Setembro de 1989 (Festival Internacional de Cinema de San Sebastián) *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

aviso

A cópia digital que vamos apresentar, proveniente da Filmoteca Española, não tem lamentavelmente a qualidade desejável em projecção, sobretudo ao nível do som. Fica o aviso aos espectadores, agradecendo a compreensão.

À rebentação das ondas numa praia invernia vem sobrepor-se o grande plano, assim ondulante, de uma telefonia ligada enquanto, na banda sonora, o som da água a quebrar na areia cede a um noticiário radiofónico. Pouco mais de hora e meia depois, “Mi Buenos Aires Querido” por Carlos Gardel sai das colunas de um gira-discos na sala de estar da família protagonista de EL MAR Y EL TIEMPO para desaguar numa idêntica paisagem marinha. Voltando a adoptar uma estrutura circular, desta feita mais convencional, isto é, sem *flashbacks* ou as perspectivas múltiplas que caracterizam o seu cinema, Fernando Fernán-Gómez evoca dessa maneira, no quinto e último filme que realizou nos anos 1980, o motivo musical do princípio e fim de EL MUNDO SIGUE (1963), em que retrata a Madrid das classes populares de finais dos anos 1950, também observando uma família como microcosmo social. Assim é em EL MAR Y EL TIEMPO, na cena de campos, contracampo e movimento de grua que encaminha os jovens adultos da pequena comunidade familiar, cantando, para a varanda do apartamento tornada nesse instante janela e palco.

As canções, vê-se, têm um papel relevante no filme, cujas personagens insistem em vários momentos na música, tem de haver música, ouvida, tocada ou cantada, a música faz parte do quotidiano da juventude que se sonha revolucionária e da melancolia dos mais velhos. Também uma falta de coincidência. O tom do filme dispensa o sentido apurado de sátira que genericamente distingue o olhar de Fernán-Gómez e a nota insistente é a da gravidade impregnada, ainda que o humor (negro) emergja por vezes à superfície (noutras janelas e varandins) e a farsa faça minimamente parte do quotidiano familiar (acolhendo os delírios da matriarca, que podem, por exemplo, ditar o pequeno teatro do mundo da última refeição).

EL MAR Y EL TIEMPO é “um filme de época” ambientado cerca de uma década depois de EL MUNDO SIGUE, filmado cerca de uma (outra) década depois dos acontecimentos que põe em marcha. O tempo é aliás muito preciso: Primavera de 1968, uns dias na vida de uma família cujos pais combateram pela República e que recebe a visita em Madrid de um irmão, filho e tio que teve de exilar-se na Argentina uns trinta anos atrás, na época da Guerra

Civil em que se declarava anarquista. A sua estadia em Espanha é um momento de concentração familiar em que, entre outros acontecimentos, uma das sobrinhas viaja para Paris de onde traz notícias do Maio francês. Trata-se de uma revisitação dos anos finais do franquismo, à boleia da realidade que se apresenta aos olhos da personagem do tio Jesús (interpretado pelo actor argentino Pepe Soriano), irmão de Eusebio (Fernán-Gómez, de novo realizador-actor), ambos filhos da personagem semialuada de Rafaela Aparicio (esplêndida “actriz secundária” do cinema espanhol, várias vezes dirigida por Fernán-Gómez desde *LA VIDA POR DELANTE*, 1958), a mãe e avó que vive no seu limbo no seio, e na casa, da família em que pontuam as sobrinhas-filhas-netas Chus, que tem um bebé de Anselmo, com quem se casou e de quem está em vias de separar-se, e a mais doce e revolucionária Mer. A mãe que recusa reconhecê-lo, a cunhada que vive, em separado, uma existência naufragada, são as duas personagens que tornam transparente o desajuste de Jesús com tudo e todos, protagonista de um reencontro impossível com uma realidade mudada ao ponto do não-reconhecimento. Uma cena inicial, em casa, em que o recém-chegado Jesús falha reconhecer as sobrinhas é, aliás, um sinal desse centro irremediável do filme, do mar que separa e do tempo que passa.

No retrato da sociedade madrileña de *EL MAR Y EL TIEMPO*, com as suas várias personagens e gerações, não há zanga, há uma espécie de aceitação que contempla as tragédias do que a vida se tornou para alguns ou do que outros não suportam, como as jovens personagens dos homens que ameaçam – ou logram – suicidar-se por amor. São duas das sequências mais fortes do filme – a do encontro de Jesús e Marcela, a cunhada, em casa desta (a personagem de María Asquerino, na sua única aparição no filme), tudo terrivelmente perdido nuns dez minutos de puro equilíbrio de crueza e comoção; e a do suicídio, testemunhado por Jesús, do jovem apaixonado de Mer que se atira para baixo de um automóvel num desfecho brusco de outra história desencontrada.

A delicadeza que alguns, poucos, notaram neste assaz desconhecido Fernán-Gómez, habita de facto *EL MAR Y EL TIEMPO*, a partir da história homónima do realizador e dos guiões que antes escrevera para uma série televisiva de cinco episódios realizada por Mara Recatero em 1987. É uma delicadeza da qual participam os actores de forma geral, e em pleno a interpretação de Pepe Soriano no papel do exilado que não reconhece a pátria e guarda essa estranheza surda nos olhos, espelhando o desfasamento de um “espanhol que não gosta de touros e um argentino que não aprecia tangos”.

Maria João Madeira